

- 1- *Os clubes do livro espírita constituem hoje o mais eficiente recurso de divulgação do livro espírita. Como “trabalhador da primeira hora”, nessa produtiva atividade, poderia nos dizer algo sobre o início desse movimento?*

O primeiro clube do qual tomei conhecimento surgiu no início da década de setenta, no século passado, em Marília, por iniciativa de nosso confrade José Reis. Em 1972, Leopoldo Zanardi, professor bauruense que trabalhava em Tupã, perto de Marília, instalou um CLE naquela cidade. Motivado por ele, trabalhei pela instalação do CLE em Bauru, o que ocorreu em janeiro de 1973, como departamento da USE-Bauru. O primeiro livro lançado foi *Chico Xavier Pede Licença*.

- 2 – *Eram quantos associados?*

Perto de duzentos. Dois anos depois atingíamos o montante de mil e cem associados. Um espanto! Quando comprávamos o livro do mês os funcionários das editoras ficavam abismados. Nem mesmo as distribuidoras compravam tantos exemplares de uma única obra.

- 3 – *Depois veio a campanha?*

Desde o início do CLE em Bauru, sentindo a importância desse trabalho, passei a divulgá-lo em artigos publicados pela imprensa espírita. Wallace Leal Rodrigues, redator da RIE na época, com o qual eu mantinha contato, publicou notas sobre o assunto na revista. Na RIE de dezembro de 1974 ele deu destaque a uma notícia sobre o CLE, convidando os interessados a me procurarem. Em 1976 iniciamos um movimento de caráter nacional, para instalação do CLE em outras cidades. Anúncios foram publicados nos jornais e revistas espíritas, preparados pelo nosso confrade Merhy Seba, professor de publicidade.

- 4 – *Como as pessoas colocavam a ideia em prática?*

Escrevemos um livreto singelo, *O Ovo de Colombo*, que era remetido gratuitamente aos interessados, com todas as orientações necessárias para a instalação do CLE. Paralelamente, por onde eu passava, em jornadas de palestras, deixava exemplares, empenhado no mais difícil: convencer os dirigentes espíritas de que se trata de um extraordinário veículo de divulgação. A indiferença e a falta de iniciativa são lamentáveis entraves às iniciativas mais promissoras.

- 5 – *Por que o título “O ovo de Colombo”?*

Num jantar em sua homenagem, na Espanha, após a descoberta da América, alguns convidados menosprezaram o feito de Colombo, dizendo que qualquer um poderia ter realizado tal proeza. Colombo lhes propôs, então, que colocassem um ovo em pé. Ninguém conseguiu. O navegador tomou o ovo, quebrou uma das extremidades e ele próprio realizou o *prodígio*. A expressão passou a significar algo fácil de fazer depois que alguém o faça. Esse título para a campanha passava a ideia de algo muito simples e produtivo na divulgação do livro espírita, na base do “*por que não pensamos nisso antes?*”.

- 6 – *Qual a tônica da campanha?*

Enfatizávamos tratar-se de uma atividade capaz de beneficiar todas as partes envolvidas: a editora, que aumenta as tiragens; o leitor, que compra o livro mais barato; a livraria, que vende mais, e o Espiritismo, que caminha mais depressa.

- 7 – *Como você vê esse movimento na atualidade?*

Há centenas de CLE espalhados pelo Brasil, dinamizando de forma notável a divulgação do livro espírita. Quando lançamos a campanha, as editoras espíritas produziam tiragens de mil a três mil exemplares. Hoje é comum vermos tiragens de dez mil exemplares. Meu livro *Quem tem medo da morte?*, da CEAC Editora, já vendeu perto de duzentos e vinte mil exemplares, em sua maior parte comercializados pelos CLE.

- 8 – *Como pioneiro na divulgação do CLE, o que você espera desse movimento?*  
Eu gostaria de ver um CLE em cada cidade, com ramificações em todos os Centros Espíritas, a colaborarem na distribuição e registro de sócios, favorecendo o avanço da Doutrina Espírita.
- 9 – *Por que, embora os benefícios evidentes dos Clubes do Livro Espírita para a divulgação da Doutrina, há Centros alheios a esse serviço?*  
Há um misto de desinformação e desinteresse. Dirigentes espíritas pouco afeitos à leitura dos periódicos espíritas e à participação em movimentos de unificação, simplesmente não têm ideia dos benefícios do CLE. Por outro lado, há os que conhecem o assunto, sabem de seus benefícios, mas não querem *complicações*. Limitam-se a atividades rotineiras, resistindo às inovações que poderiam dinamizar a instituição sob sua direção. É lamentável.
- 10 – *Se o Centro é pequeno, frequência diminuta, não fica inviável a instalação do CLE?*  
Seria conveniente que os dirigentes avaliassem sua atuação, porquanto, pelos esclarecimentos e benefícios que o Espiritismo oferece, há algo de errado com o Centro a *patinar* em reduzida frequência. Por outro lado, com dez associados, a começar pelos próprios diretores, podemos instalar um CLE.
- 11 – *Uma alegação frequente de dirigentes espíritas que resistem à instalação do CLE diz respeito à falta de voluntários para assumir o encargo.*  
Uma pessoa de boa vontade é suficiente para cuidar do CLE. Se não há, o Centro está com problemas. Talvez não esteja motivando suficientemente os frequentadores. É preciso deixar bem claro que o espírita que não assume encargos, limitando-se à condição de ouvinte e beneficiário de reuniões, não entendeu a conceituação doutrinária. Ser espírita é sinônimo de participação.
- 12 – *Considerada sua experiência como divulgador do Clube do Livro Espírita, o que dizer do fato de seus dirigentes priorizarem romances em seus lançamentos?*  
É uma visão mercantilista. Romance é a literatura mais aceita no meio espírita. Daí a preferência. O problema é o conteúdo doutrinário. O foco do romance é a história, com leves pinceladas sobre reencarnação, lei de causa e efeito, vida espiritual, sem maior profundidade. Pouco acrescentam em termos de cultura espírita.
- 13 – *Forçoso reconhecer que outros gêneros literários não são bem aceitos.*  
Durante 24 anos fui diretor do CLE de Bauru. Tínhamos 1200 associados, alternando romances, crônicas, histórias, estudos... Se o livro é bem selecionado, com conteúdo doutrinário, exposição clara e objetiva, há boa aceitação. Meus livros mais vendidos, *Quem Tem Medo da Morte?* (235.000 exemplares) e *Uma razão para viver* (158.000 exemplares), não são romances. Ainda hoje, há CLEs que os incluem em sua seleção mensal.
- 14 – *Reclamam os dirigentes que perdem associados quando não oferecem romances.*  
O problema geralmente é de motivação. O livro do mês deve ser entregue ao associado com um boletim de informações que ofereça uma resenha apresentando o autor, o assunto, ressaltando o conteúdo e destacando o contexto doutrinário. O associado deve ser informado quanto à importância de ler o texto que lhe é apresentado.
- 15 – *E se, definitivamente, o associado só quer romances?*  
Que se ofereça a ele a opção de trocar o livro do mês por outro de seu agrado. O ideal, para tanto, é que o CLE funcione como atividade de um departamento de divulgação, no Centro Espírita, que inclua uma livraria espírita, onde existam várias opções.
- 16 – *E se o Centro não comportar uma livraria?*  
Essa hipótese só seria aceitável se o Centro fosse frequentado apenas por Espíritos desencarnados. Por menor que seja o seu movimento, é fundamental, indispensável, que tenha uma livraria. O livro é o recurso maior de disseminação dos princípios espíritas.

17 – *Um problema grave que afeta muitos CLEs é o esvaziamento do quadro associativo. Começa bem, com razoável número de associados e aos poucos vai minguando.*

Se isso afeta muitos CLEs, mas não todos, seria interessante consultar aqueles que não sofrem esse esvaziamento. Posso adiantar que o recurso maior, nesse particular, são as campanhas permanentes, envolvendo o movimento espírita da cidade. O ditado “*a propaganda é a alma do negócio*” aplica-se muito bem ao CLE. É preciso divulgar sempre, envolvendo todos os Centros Espíritas da cidade ou região onde está instalado.

18 – *Aqui esbarramos no problema da participação. Nem sempre os Centros Espíritas estão dispostos a colaborar.*

É fácil solucionar. Basta mudar o enfoque *colaborar* por *participar*. Os Centros Espíritas devem ser participantes do CLE, divulgando o serviço e incluindo associados, mediante uma comissão sobre o valor arrecadado, na ordem de 20% a 30%. Quanto maior a divulgação feita pelo Centro, quanto maior o número de associados que inscrever, maior será sua comissão, que poderá ser revertida integralmente na instalação de uma livraria ou de uma biblioteca.

19 – *A seu ver, o que seria o mais importante para que o CLE cumpra sua missão de divulgar a Doutrina Espírita?*

Que os espíritas vistam essa camisa. Como já comentei, se a diretoria de um Centro Espírita tem dez membros, é o suficiente para começar um CLE. Se cada diretor se dispuser a incluir dois associados, serão trinta. Se esses trinta estiverem motivados para incluir dois associados, serão noventa. Isso pode ser uma progressão permanente. Para tanto, os responsáveis pelo CLE devem enfatizar, em reuniões, palestras, entrevistas, panfletos, cartazes, que a maior caridade que fazemos em relação à Doutrina Espírita, como diz Emmanuel, é a sua divulgação. E a melhor maneira de divulgar a Doutrina Espírita é o livro, esse *ginete de pensamentos, arauto da grande luz*, como destaca Castro Alves no seu poema imortal.

20 – *Como diretor do Centro Espírita Amor e Caridade, de Bauru, que mantém a CEAC Editora, o que você tem observado quanto ao funcionamento dos CLE?*

Há alguns problemas no relacionamento das editoras com os CLE. O principal diz respeito ao aspecto financeiro. Há uma insistência, que raia à imposição, em relação ao preço dos livros. Clubes que fixam a mensalidade em perto de 15 a 20 reais pretendem que a editora os venda abaixo de 5 reais. Passam a ideia de que não estão preocupados em sustentar o serviço, mas em aumentar os lucros. É preciso que os dirigentes reconheçam que as Editoras Espíritas não têm objetivos comerciais, mas de divulgação. Se não há uma margem razoável, fica difícil sustentar a publicação e reedição de livros.

21 – *Seria pensar na editora, não apenas no CLE...*

Exatamente. O dirigente do CLE não pode lidar com a editora como diretor de poderosa empresa, que se julga no direito de impor preços porque compra em quantidade razoável, colocando o fornecedor em autêntica *corda bamba*, já que ele depende da comercialização do produto para sustentar seu negócio.

22 – *Você acha que o CLE não deve ter lucro?*

Nada contra o lucro, até porque sem ele fica impossível sustentar o serviço. Nada contra, também, que se destine parte do lucro à manutenção da instituição que o mantém. O problema é fazer do lucro a finalidade maior do CLE, como está acontecendo, criando sérios embaraços às editoras espíritas.

23 – *Poderia exemplificar?*

Digamos que um livro de porte médio, 144 páginas, tenha um custo de produção de cinco reais. Deve ser comercializado pela editora pelo preço mínimo de oito reais, a fim de atender à folha de pagamento, correio, água, luz, telefone, aluguel... No entanto, os responsáveis pelos clubes valem-se do fato de comprar em quantidade razoável, digamos, mais de cem exemplares, para exigir um preço nada razoável, em torno de cinco reais e cinquenta centavos. Com isso colaboram para inviabilizar a própria editora.

24 – *Não seria interessante aumentar o valor da mensalidade do CLE para remunerar as editoras?*

Não é esse o problema, porquanto a mensalidade cobrada pelos CLEs gira em torno de quinze a vinte reais. Vendendo o livro a cinco reais e cinquenta centavos, a editora tem um lucro bruto de 10%. Vendendo o livro a quinze reais o clube terá um lucro bruto de 273%. Se vender a vinte reais o lucro bruto será de 363%. É uma discrepância absurda e inaceitável.

25 – *Há que se considerar a quantidade de livros. Uma editora vende milhares de livros. O CLE apenas algumas dezenas ou centenas. Isso não torna compensador à Editora vender a preço reduzido?*

No exemplo citado, uma edição de dez mil exemplares pode demandar meses para ser comercializada, diluindo em despesas de manutenção os cinco mil reais de lucro bruto que serão recebidos para pagamento em sessenta e noventa dias, como costumam exigir os CLEs.

26 – *O que pode ser feito no sentido de resolver esse problema?*

Que, literalmente, os dirigentes do CLE *ponham a mão na consciência* e considerem que estamos todos *no mesmo barco*, empenhados em divulgar a Doutrina Espírita. Deixem de brigar por preços mínimos para ter um lucro máximo, numa *queda de braços* inconcebível entre parceiros de um mesmo ideal. Que o primeiro critério para a compra de um livro seja o conteúdo, não o preço. Às vezes o CLE deixa de comprar um livro de excelente conteúdo doutrinário, dando preferência a outro bem inferior, por questão de centavos.

27 – *A palavra de ordem, portanto...*

Seria darmos as mãos, dirigentes de Centros Espíritas, diretores do CLE e das editoras, tendo por objetivo maior a divulgação do Livro Espírita, considerando que o maior lucro que devemos almejar é a consciência tranquila por um trabalho bem feito, sem pretensões mercantilistas, para que o Espiritismo caminhe mais depressa em sua abençoada missão de esclarecimento e renovação para a Humanidade. Lembro uma manifestação feliz de Albino Teixeira, em psicografia de Francisco Cândido Xavier: *Amparar o Livro Espírita e distribuí-lo é participar dos interesses da Providência Divina, realizando preciosos investimentos de luz e verdade, amor e renovação entre os homens*

